

A VIOLÊNCIA DA ESTUPIDEZ E A ESTUPIDEZ DA VIOLÊNCIA

THE VIOLENCE OF STUPIDITY AND THE STUPIDITY OF VIOLENCE
LA VIOLENCIA DE LA ESTUPIDEZ Y LA ESTUPIDEZ DE LA VIOLENCIA

Mauro Mendes Dias¹

Resumo: O objetivo do texto é mostrar uma modalidade de violência que se estrutura como efeito do discurso da estupidez, baseado nas crenças que adulteram a função da verdade em sua relação com o desejo inconsciente e o gozo. Entretanto, faz-se necessário admitir uma impossibilidade de eliminação da violência, na medida em que não existem meios de garantir a sustentação do sujeito pelas palavras de forma inabalável. Tais condições levam a articular tratamentos possíveis de tais limitações.

Palavras-chave: Violência. Discurso. Estupidez.

Abstract: The objective of the text is to show a type of violence that is structured as an effect of the discourse of stupidity, based on beliefs that distort the function of truth in its relationship with unconscious desire and enjoyment. However, it is necessary to admit that it is impossible to eliminate violence, as there are no means of guaranteeing the subject's unshakable support through words. Such conditions lead us to articulate possible treatments for such limitations.

Keywords: Violence. Discourse. Stupidity.

Resumen: El objetivo del texto es mostrar un tipo de violencia que se estructura como efecto del discurso de la estupidez, basado en creencias que distorsionan la función de la verdad en su relación con el deseo y el goce inconscientes. Sin embargo, es necesario admitir que es imposible eliminar la violencia, ya que no hay medios para garantizar el apoyo inquebrantable del sujeto a través de las palabras. Tales condiciones nos llevan a articular posibles tratamientos para tales limitaciones.

Palabras clave: Violencia. Discurso. Estupidez.

¹ Psicanalista. Diretor do Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise em São Paulo. Responsável pelo Seminário "Enlaçamentos e desenlaçamentos do Inconsciente". Conduz apresentação de pacientes na Unicamp e no Hospital Nossa Senhora de Fátima. Supervisor da Equipe Ponte, voltada ao tratamento de jovens diagnosticados com síndromes orgânicas e psicoses. Autor de artigos e livros de Psicanálise. E-mail: mauro.m.dias@uol.com.br

De forma a acompanhar o que se encontra em jogo no título do texto, é preciso considerar que falar de violência da estupidez se refere à violência como efeito do discurso da estupidez. Tal discurso, baseado nas elaborações de Jacques Lacan, foi escrito e articulado no livro *O discurso da estupidez* (2020), no qual procurei destacar os seguintes quatro pontos relativos ao seu funcionamento:

PRIMEIRO PONTO

Há uma produção de efeitos inconscientes para quem consente a ele, modificando a economia de desejo e gozo. Foi escrito segundo uma modificação dos termos que distinguem o discurso do mestre daquele do capitalista, para Lacan, considerando que o primeiro é responsável, em seu numerador, pela ligação entre os significantes que compõem a linguagem como condição do inconsciente. Ao mesmo tempo, no denominador do discurso do mestre iremos recolher os termos que articulam a fantasia, uma vez que ela organiza a posição do sujeito perante o desejo e o gozo. No que se refere ao discurso do capitalista, escrito a partir de uma inversão de lugares e uma causação entre os termos que compõem o discurso do mestre, podemos dizer que ele participa decisivamente das escolhas que realizamos em nossa sociedade de mercado. Ainda ao mesmo tempo, o discurso do capitalista nos conecta de forma diferenciada com a política — desde que possamos admitir que, tal como Lacan (2018, p. 350) o fez, a afirmação “o inconsciente é a política” seja verdadeira, porque existem discursos que determinam as diferentes maneiras pelas quais nos ligamos aos afetos e os experimentamos.

Não é somente pelo fato de a economia se manter estruturada pelo princípio da mais-valia, como mais gozar sacrificial, que ela organiza a produção. O que o discurso do capitalista vai fazer funcionar é um circuito, um circuito de reinvestimento. Como se dá? É por fazer parte de um discurso que a mais-valia se sustenta, pela condição de reinvestimento dos sujeitos nas diferentes cativações que o fetichismo das mercadorias condiciona, como condição de assujeitamento dos corpos e do tempo. É um discurso infinito: ele não claudica e é mortífero em sua condição sem saída. Tanto é assim que um dos sintomas que produz é o do endividamento infinito, assim como os transtornos do sono e tantos outros. A mais-valia só é efetiva porque ela é causa de gozo, de dispêndio, de empuxo que aspira o sujeito. É por consentir a um apelo que o aspira da sua condição desejante, desde a qual escolhe e perde, que o sujeito não participa mais pelo significante que o dividiria, mas pelo significante como causa de um gozo que o assujeita, como proletário, ao mesmo tempo que sua condição de gozo é estruturada pelos objetos olhar e voz. Falar de fetichismo da mercadoria é dizer do olhar que estrutura uma cena onde o objeto se faz ver pelo brilho de sua imagem fugaz quando há uma promessa de sua permanência, a depender da admissão daquele que olha. A voz participa do discurso do capitalista como causa de masoquismo, uma voz que pune, que exige, que controla, que vigia; enfim, uma voz que comanda a produção incessante e renovada de *gadgets*, a qual vai se fazer escutar nos diferentes anúncios de seu futuro lixo.

Há uma efetividade diferenciada do discurso da estupidez quando de sua participação nas sociedades capitalistas de mercado, que se sustentam politicamente pela vigência da democracia. Tudo se passa, nessas sociedades, como se houvesse um funcionamento exitoso, em termos de iniciativas políticas e econômicas. Esse tipo de desfaçatez é o terreno fértil de onde serão cultivadas as condições do discurso da estupidez, uma vez que, na vigência desse discurso,

é preciso que a mentira passe a se contar como verdade. No discurso da estupidez, o que vai fazer funcionar a mentira são as crenças. No caso do discurso do capitalista, o que faz funcionar a mentira é uma promessa de aquisição possível do objeto de satisfação. São discursos solidários, um ao outro. Eles se ligam, sem serem os mesmos.

SEGUNDO PONTO

Procurei ressaltar, na escrita do discurso da estupidez, a presença da crença como elemento responsável pelo agenciamento nele. Notemos que toda concepção de discurso tem como princípio um agente que determina o funcionamento dele, discurso, sobre um outro, semelhante ou coletividade. Tais efeitos são assimilados, por Lacan, a uma condição de gozo, uma vez que esta última participa do empenho, no sentido de se virar com aquilo pelo qual se foi afetado. Essa afetação, dependendo de como cada um responde ao discurso em jogo, é responsável por uma produção, com maior ou menor intensidade de entrega, de dispêndio. Uma vez que todo e qualquer discurso na psicanálise encerra seus fundamentos numa ligação entre o inconsciente e a fantasia, e não nos seus enunciados, a relação com a verdade sofrerá os efeitos desse circuito de funcionamento. A depender dos termos em ação num discurso, cada sujeito poderá experimentar uma relação diferenciada com o impossível, uma vez que a verdade em nosso campo de experiência padece da possibilidade de ser dita por inteiro. Distingue-se, assim, de sua acepção corrente, na qual ela se apresenta como um efeito de adequação entre a palavra e o referente, entre o que é percebido e o que é compartilhado, como efeito dessa mesma percepção.

TERCEIRO PONTO

O destaque dado à crença no discurso da estupidez se mantém diretamente ligado ao fato de esta buscar seus fundamentos numa referência que a diferencia da tradição que desde sempre se manteve nos três monoteísmos, qual seja, em Deus como instância transcendental. Em se tratando do discurso da estupidez, a noção de crença se adultera devido à sua ligação com as seitas, de onde passou a advir. Entende-se que o que distingue as seitas das tradições religiosas é o fato de que não há mais mensagem a ser decifrada, não há exegese do texto sagrado e, conseqüentemente, a palavra de Deus é tomada, a um só tempo, em sua literalidade, e a serviço dos objetivos dos líderes religiosos para conduzir seus rebanhos. A palavra que antes vinha de Deus a partir de um trabalho de decifração e contextualização agora vem enunciada pela boca dos homens e seus interesses espúrios. Trata-se, portanto, de um ódio dirigido a Deus, aos limites e ao respeito que suas palavras impunham, pela tradição simbólica. No lugar do culto, com os ritos e dogmas da trindade, agora se encontram os espetáculos das conversões forçadas para a retirada do demônio, abusivamente identificado aos cultos africanos. Teatralizações são conduzidas pelos mercadores da fé que praticam, sem nenhum tipo de constrangimento e interdição do Estado, o roubo e a mentira como formas de assujeitamento daqueles que precisam acreditar neles, como forma de preservar um resto de esperança da qual são privados de experimentar.

Constata-se, a céu aberto, a prática de deformação dos fatos nessas denominações religiosas de seitas, em nome de perpetuar sua ligação com a usurpação. Conta-se, agora, com o nome de Deus, para colocá-lo a serviço do enriquecimento ilícito e da transgressão.

QUARTO PONTO

O fato de ser um discurso, o da estupidez, responsável pela geração de afetos e significações do mundo, implica admitir que ele irá promover o culto do escárnio e da falta de vergonha, pudor e respeito como recursos para lidar com o que é sinônimo de consideração, de convivência e solidariedade, ou seja, de diálogo.

Consideremos que, etimologicamente, há uma íntima ligação entre violência e violação. Isso significa que há uma violência que é íntima ao funcionamento do discurso da estupidez, na medida em que ele viola a relação com a verdade e com a polissemia da língua. Por isso mesmo, vali-me da peça de Ionesco, *O rinoceronte* (2015), assim como do livro de Kafka, *A metamorfose* (1997), e o de Ian McEwan, *A barata* (2020), para mostrar que desde o discurso da estupidez os personagens adquiriram vida. Existem seres baratas, seres rinocerontes, seres ratos, e tantos outros. Isso porque o discurso da estupidez suscita a violência como efeito da recusa do pacto civilizatório. O rei se regozija com sua nudez animal, sem qualquer roupa humana. Por isso mesmo, ele e sua turba invadem e depredam em nome de outra ordem, sempre tirânica. Vandalizam o patrimônio nacional, exatamente porque pensam e agem sem qualquer tipo de patrimônio simbólico. São semelhantes a essas nuvens de gafanhotos que dizimam as plantações, e semelhantes, também, a essa epidemia de ratos que invadem as cidades.

Procurei mostrar que há uma violência da estupidez como efeito de discurso. Contudo, é preciso considerar que esse discurso não surgiu do nada. O mínimo que ele nos leva a admitir é a tolerância excessiva que foi mantida com seus agentes desde muito tempo. Como se a administração dos esgotos fosse suficiente para manter os detritos fora do campo de ação, como se sempre fosse possível chegar a acordos sem retrocessos.

Há um momento em que a besta se levanta com seu séquito. Ela até pode ser destituída de suas funções oficiais, mas tal como os vampiros, que se acotovelam em suas cavernas, sem a luz da razão, há muito quebrada. E que retornam para sugar o sangue que os viciou. Assim se disseminam novas gerações de vampiros da vida.

Uma ressensibilização das condições de humanidade se apresenta como um dos tratamentos possíveis do discurso da estupidez, entendendo que uma nova sensibilidade só terá condições de ser cultivada se o acesso à dignidade, à educação e à cultura se aproximar da vida daqueles que consentiram em ser tratados como bichos, e como lixo. Acentua-se, portanto, o tratamento da violência que viola a vida de cada um, transformando-a em dejeção. Os fundamentos e as articulações que permitem situar tais tratamentos excedem o escopo do presente texto.

Afirmar, tal como consta no título do texto, que há uma estupidez da violência implica, primeiramente, estabelecer a diferença entre agressividade e violência. Se a agressividade se define, com Lacan, pelo enunciado segundo o qual um sopro em teu inimigo é um sopro em ti mesmo (1998), é porque a agressividade é responsável por uma tensão agressiva dirigida à imagem do outro, enquanto sinônima de uma suposição que faço de seu ser, pela imagem. O fundamento dessa tensão é a atribuição ao outro das imperfeições que estão presentes na imagem do próprio sujeito, as quais ele desconhece. Assim, ele o critica, o desmerece e o despreza. A depender do discurso à sua volta, estimulando suas ações, ele passa da palavra ao ato de violação do outro, pela

violência dirigida a seu corpo. Nesse momento de passagem, o que fica em suspenso é o apoio nas palavras que denegriam o ser do outro, desde sua imagem. Consequentemente, o afeto que participa dessa passagem é o ódio, como paixão que passa a comandar suas ações visando à destruição e aos danos. A violência é, assim, uma passagem ao ato promovida pela surdez e pela cegueira, que a alinham com a paixão da ignorância. A um só tempo, passa-se a ser cego e surdo aos argumentos, portanto, fim do diálogo.

Consideremos, ainda, que não existe somente passagem à violência como produto da violação dos corpos. Isso porque, por um lado, cada um é suscetível de deixar cair o suporte na palavra e na imagem. Nesse sentido, há uma impossibilidade de extinção da violência. Ao mesmo tempo, ela se modaliza como presença da verdade numa condição abrupta, a qual surpreende o sujeito inteiramente sem defesa para lidar com ela. É nesse caso que a violência comparece como violência da interpretação, com maior ou menor cálculo de seu manejo. Daí a necessidade de articular a interpretação, na transferência, através dos tempos de emergência dos conflitos do sujeito, com manejos diferenciados. Isso porque haver fracasso no manejo da transferência não implica que ele tenha de se apresentar moldado pela recusa violenta do laço.

A questão da violência, para um psicanalista, comparece ligada à forma pela qual ele dá sustentação a seu lugar e sua função, pelo desejo. Significa que, a um só tempo, ele faz barreira ao discurso da estupidez, visando a seu tratamento possível, tanto quanto participa dos momentos de tensão na transferência, mantendo a aposta na mudança de posição pela insistência na letra que dá suporte ao inconsciente, pela voz. A voz da violência faz vociferar, a voz do desejo faz desestabilizar. Se não há um tratamento à altura para as vociferações é porque continuamos a recusar a força e a cativação da destruição. Uma interrogação sobre os ódios que comparecem nas e entre as comunidades analíticas se mantém como elemento que interroga os ideais que se mantêm agindo de forma inconsciente.

REFERÊNCIAS

DIAS, Mauro Mendes. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

IONESCO, Eugene. *O rinoceronte*. São Paulo: Nova Fronteira, 2015. (Original publicado em 1959.)

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Original publicado em 1912.)

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. Trad. de Vera Ribeiro. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 104-126. (Original publicado em 1948.) Disponível em: <http://www.sbpcedem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/escritos_-_jacques_lacan.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma*. Seminário 14. 1966-1967. Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2018. (Original publicado em 1966-1967.)

MCEWAN, Ian. *A barata*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.